
NOTAS E COMENTÁRIOS

Persp. Teol. 20 (1988) 219-232

ESPIRITUALIDADE E POBREZA

Reflexão e práxis da libertação em São Basílio Magno

Paulo Siepiêrski

Uma das maiores contribuições da Teologia da Libertação ao cristianismo contemporâneo está no campo da espiritualidade. Os teólogos latino-americanos, como Gustavo Gutiérrez, redescobriram o lugar do pobre nas Escrituras e o quanto isto afeta a espiritualidade cristã. Os esforços que os teólogos estão fazendo na América Latina, redefinindo a espiritualidade do ponto de vista do pobre¹, de alguma maneira relembra os esforços feitos em Cesaréia da Capadócia por São Basílio Magno, dezesseis séculos atrás.

São Basílio e alguns Padres da Igreja viveram, como os teólogos da libertação vivem atualmente, numa situação de opressão que automaticamente gerava pobreza. Contudo, a atitude de São Basílio para com os pobres foi bastante diferente da de outros Padres da Igreja. Sua identificação com o pobre foi tão profunda que ele não somente escreveu sobre a tensão entre riqueza e pobreza, como também encarnou realisticamente o estilo de vida do pobre. São Basílio é um dos melhores exemplos para aqueles que, conduzidos pelo Espírito Santo de Deus, comprometeram suas vidas em favor dos pobres.

Este ensaio visa a alcançar três objetivos principais. Primeiro, entender a relação entre espiritualidade e pobreza. Segundo, fornecer um panorama das condições econômicas e sociais em que São Basílio viveu. Por último, descrever a atitude de São Basílio frente à pobreza.

1. ESPIRITUALIDADE E POBREZA

Poucas palavras são mais vagamente empregadas que "espiritualidade" e "pobreza". Elas são utilizadas como se todos entendessem seus

¹ Conforme Leonardo Boff: "Nós estamos bastante conscientes de que qualquer ponto de vista, como aquele da teologia da libertação, é a vista de um ponto. Mas qual ponto de vista é esse? É o ponto de vista do pobre, do humilde e ofendido. Ele começa da situação dos pobres, e quer mudar a sociedade que cria os pobres. O sistema inteiro que expulsa os pobres e os mantém marginalizados é julgado do ponto de vista deles". Leonardo BOFF: *Teologia do cativo e da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1985, 54.

significados, quando na verdade é muito fácil conduzir uma discussão onde essas palavras são usadas numa condição de total desentendimento. Embora alguns manuais² definam espiritualidade simplesmente como equivalente a teologia mística e ascética, ela tem um significado muito mais amplo. Uma definição simples e direta é encontrada em Bonner: "Uma orientação de mente e vontade para Deus expressa na vida e nos ensinamentos de um homem (e de uma mulher)"³.

Pobreza é, de certa maneira, mais difícil de definir do que espiritualidade. Gutiérrez observou que pobreza é "... uma noção pouco trabalhada teologicamente e que permanece incerta"⁴. Talvez porque a maioria das reflexões sobre o termo pobreza tenha sido feita pelos ricos, já que a maioria dos pobres não possui os recursos necessários para a elaboração de uma reflexão filosófica. Daí as muitas ambigüidades no termo. Como a classe dominante automaticamente constrói para si um sistema de explicação da realidade do mundo sem procurar modificá-la, as reflexões sobre pobreza são provavelmente os melhores exemplos de construções ideológicas para a perpetuação do *status quo*.

Atualmente o termo "pobreza" tem duas conotações: pobreza material e pobreza espiritual. A primeira é "a carência de bens econômicos necessários a uma vida humana digna deste nome"⁵. Este tipo de pobreza é tão desumano que é rejeitado por todos, mesmo por aqueles que — conscientemente ou não — causam essa pobreza. A única exceção é encontrada entre cristãos que, levados por mal-entendidos teológicos, consideram a pobreza material como um ideal religioso. Essa presunção religiosa é errônea, porque a pobreza material provoca uma situação sub humana, e, como humanidade representa a imagem de Deus, qualquer tentativa de inferiorizar a vida humana consiste em pecado contra Deus, o Criador.

A segunda expressão, "pobreza espiritual," a longo prazo conduz a conclusões tranqüilizantes e confortadoras, uma vez que é vista "como simples atitude interior de desprendimento ante os bens deste mundo"⁶. Esta definição de pobreza tem estado presente através da história agindo como um elemento ideológico impedindo os que sofrem com a po-

² Gerald BONNER: "The Spirituality of St. Augustine and its Influence on Western Mysticism". *Sobornost* 4 (1982) 144.

³ ID., *ib.*, 144.

⁴ Gustavo GUTIÉRREZ: *Teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975, 235.

⁵ ID.: *ib.*, 235.

⁶ ID.: *ib.*, 236.

breza de se organizarem na luta contra as condições desumanas em que vivem, e na luta contra os que se beneficiam dessa situação.

Com o intuito de conseguir melhores definições para o termo "pobreza," Gutiérrez lança mão da Bíblia. Na palavra de Deus ele trabalha naquilo que chama "... as duas principais linhas de pensamento ... pobreza como estado escandaloso e a pobreza como infância espiritual"⁷.

1.1 Pobreza como estado escandaloso

A Bíblia é extremamente enfática quanto à necessidade de se fazer justiça ao pobre. Tanto no Antigo como no Novo Testamento a pobreza é destacada como estando ligada à opressão. Portanto, "a pobreza é para a Bíblia um estado escandaloso atentatório da dignidade humana e, por conseguinte, contrário à vontade de Deus"⁸.

No Antigo Testamento existe muitas palavras hebraicas que são comumente traduzidas como "pobre"⁹. São elas:

1. *'ani*, que em seu uso mais completo descreve uma situação de inferioridade de alguém em relação a outro. Em termos concretos, *'ani* é alguém dependente. Quando usada em combinação com *dal* descreve uma relação econômica. O contrário de *'ani* é o opressor ou aquele que emprega violência. Deus é o protetor dos *'anim* porque eles são pessoas que foram empobrecidas através da injustiça.
2. *dal* é usada em dois sentidos: pode referir-se tanto à fraqueza física quanto à posição baixa na sociedade.
3. *'ebion* frequentemente se refere aos que são bastante pobres e estão numa situação de miséria. Originalmente significava alguém que pede esmolas, um pedinte, mendigo.
4. *rash* é o pobre ou pessoa necessitada; sua antítese é a pessoa rica. O significado mais proeminente é o sócio-econômico.
5. *misquen* significa "dependente", alguém inferior na sociedade.

No Novo Testamento o grego *ptochós* refere-se aos pobres como pessoas oprimidas e exploradas, humilhadas e escravizadas, vítimas de injustiça, desumanizadas e feitas "não-pessoas." Pobres são os que estão

⁷ ID.: ib., 238.

⁸ ID.: ib., 238.

⁹ Elsa TAMEZ: "Good News for the Poor". Deane W. FERM (ed.): *Third World Liberation Theologies*. Maryknoll: Orbis Books, 1986, 193.

reduzidos a uma condição de diminuta capacidade e dignidade, não por seus próprios erros mas pela ação da classe dominante¹⁰.

Especialmente os livros proféticos, Lucas e Tiago condenam qualquer tipo de abuso, qualquer atitude que mantenha o pobre na pobreza ou promova a criação de novos pobres. Existem três razões principais nesses livros para rigoroso repúdio à pobreza: Primeiro, pobreza contradiz "o próprio sentido da religião mosaica," uma vez que "Moisés tirou seu povo da escravidão, exploração e alienação do Egito, para levá-lo a uma terra em que poderia viver com dignidade humana"¹¹.

A segunda razão é que a pobreza é diretamente contrária ao mandato encontrado em Gn 1,26 e 2,15. A exploração e injustiça implícitas na pobreza transformam o trabalho em algo servil e desumanizante. "O trabalho alienado, em vez de libertar, escraviza ainda mais o homem"¹². A razão última é que, sendo a humanidade o "sacramento de Deus"¹³, oprimir o pobre é ofender a Deus e desconhecer o Criador; levar Deus a sério é promover a justiça entre os homens e mulheres.

1.2 Pobreza como infância espiritual

A Bíblia apresenta uma segunda linha de pensamento concernente à pobreza. O conceito do pobre como destituído, materialmente pobre e oprimido, sofre uma transformação¹⁴ e ganha uma conotação espiritual ou religiosa durante e depois do exílio. Os pobres são os humildes e simples, os que não se acham auto-suficientes mas, pelo contrário, colocam sua inteira confiança em Deus e buscam nele proteção e salvação. Isto é "pobreza de espírito" e "espírito de pobreza" ou "pobreza religiosa," e caracteriza-se por um desprendimento dos bens materiais e da ambição humana e por um apego a Deus confiando nele e em sua ação salvífica. O contrário do pobre é o orgulhoso, que é o inimigo de Yahweh e do necessitado.

A pobreza espiritual encontra a mais alta expressão nas bem-aventuranças do Novo Testamento. Os teólogos da libertação têm traba-

¹⁰ D. S. AMALORPAVADASS: "The Poor With No Voice and No Power". Giuseppe ALBERIGO — Gustavo GUTIÉRREZ (ed.): *Where Does the Church Stand?* New York: The Seabury Press, 1981, 50.

¹¹ Gustavo GUTIÉRREZ: ob. cit. na nota 4, 240.

¹² ID.: ib., 241.

¹³ ID.: ib., 241. "Em resumo, a existência de pobreza representa tanto a quebra de solidariedade entre os homens como a falta de comunhão com Deus. Pobreza é uma expressão de pecado, ou seja, de negação do amor. Portanto ela é incompatível com a vinda do reino de Deus, um reino de amor e de justiça".

¹⁴ 'ani passa a ser 'anau.

lhado bastante sobre Mt 5,1 ("Bem-aventurados são os pobres de espírito") e Lc 6,20 (Bem-aventurados sois vós, os pobres"). Baseado na interpretação de Mateus sobre o que Jesus disse no Sermão do Monte, Gutiérrez afirma que pobreza espiritual é estar totalmente à disposição do Senhor. Essa pobreza não tem nenhuma relação direta com as riquezas, pois "não se trata primariamente de indiferença em face dos bens deste mundo". Na realidade é algo muito mais profundo, pois significa "não ter outro alimento que a vontade de Deus"¹⁵.

O outro texto, Lc 6,20, não pode estar falando sobre pobreza material, argumenta Gutiérrez, porque tal interpretação "levaria a cano-nizar uma classe social". Entretanto, é impossível evitar o significado concreto e material que o termo "pobre" tem para Lucas. A interpretação de Gutiérrez, então, é que Jesus Cristo não está dizendo "aceitai vossa pobreza, pois mais tarde essa injustiça vos será compensada no Reino de Deus"; mas que os pobres são bem-aventurados porque o Reino de Deus está sendo estabelecido.

"Quer dizer: iniciou-se a supressão da situação de despojamento e pobreza que os impede de ser plenamente homens, começou um reino de justiça que vai além do que eles poderiam esperar. São bem-aventurados porque o advento do reino porá fim a sua pobreza criando um mundo fraterno. São bem-aventurados porque o Messias abrirá os olhos dos cegos, dará pão ao faminto"¹⁶.

Infância espiritual é um dos mais importantes conceitos encontrado nos evangelhos, já que é descrita como o procedimento de uma pessoa que aceita a graça da filiação divina e reage construindo comunhão com Deus e com o próximo. Essa atitude para com Deus e para com o próximo é requerida para se entrar no mundo do pobre. Mais ainda, é uma condição indispensável para a existência de solidariedade humana. Somente quando alguém se torna como criança é que pode entrar no reino dos céus (Mt 18,3). Essa mesma infância espiritual é requerida para se entrar no "reino" dos pobres — aqueles por quem o Deus do Reino tem amor preferencial¹⁷. Em outras palavras, para se entrar tanto no Reino de Deus como no reino do pobre é necessário ter o mesmo "paupertropismo"¹⁸ demonstrado por Deus na história.

15 Gustavo GUTIÉRREZ: ob. cit. na nota 4, 243.

16 ID.: ib., 245.

17 Gustavo GUTIÉRREZ: *Beber no próprio poço*. Petrópolis: Vozes, 1984, 135.

18 "Paupertropismo" é o movimento de orientação da vida em que o estímulo determinante é o pobre. Cunhei este termo para significar que a afinidade com os pobres é intrínseca a Deus. Talvez "ptocotropismo" fosse mais correto do ponto de vista lingüístico, mas "paupertropismo" parece soar melhor.

1.3 Pobreza como solidariedade e protesto

Pobreza cristã é solidariedade com o pobre e é protesto contra a pobreza. Pobreza cristã somente tem valor, quando solidária com os pobres, com aqueles que sofrem miséria e injustiça. Gutiérrez destaca *quenosis* (Fl 2,6-11) a solidariedade de Jesus com o gênero humano, que sofre em sua humanidade o pecado e suas conseqüências¹⁹.

Solidariedade para com os pobres significa protestar e lutar contra o egoísmo humano e tudo o que divide a humanidade e faz possível a existência de ricos e pobres, proprietários e não-proprietários, opressores e oprimidos. Solidariedade e protesto têm, evidente e inevitavelmente, um caráter político uma vez que implicam em libertação. Portanto, estar em solidariedade com o pobre significa correr riscos pessoais, pois é contrário à ordem (ou desordem?) estabelecida.

Contudo, se se quiser alcançar uma oportunidade de evitar a incoerência, é necessário pagar o preço para conviver com Deus e participar de sua atuação salvífica:

“Só uma autêntica solidariedade com os pobres e um real protesto contra a pobreza, tal como se apresenta em nossos dias, pode dar um contexto concreto e vital a uma exposição teológica sobre a pobreza. A falta de suficiente compromisso com os pobres, marginalizados e explorados, é quiçá a razão fundamental da carência ... de sólida e atualizada reflexão sobre o testemunho da pobreza”²⁰.

Pobreza cristã é para ser experienciada como um ato de libertação e de amor pelos pobres deste mundo — e simultaneamente como um ato de libertação e de amor pelos ricos, livrando-os da avareza —, como solidariedade com os pobres e como protesto contra a miséria em que vivem, como identificação com os interesses das classes oprimidas como desafio à exploração e alienação de que são vítimas. Se a causa última da exploração e alienação da humanidade é o egoísmo, a razão básica para a pobreza voluntária é o amor ao próximo. A pobreza — resultado de injustiça social que tem o pecado como sua raiz mais profunda — é assumida, não para fazer dela um ideal de vida, mas para testemunhar contra o mal que ela denuncia.

Da mesma maneira, Jesus assumiu uma condição pecadora e suas conseqüências, certamente não para idealizá-la, mas para se identificar com o gênero humano e para redimir a humanidade do pecado. Ele o fez para lutar contra o egoísmo humano e abolir toda injustiça e divisão

¹⁹ Gustavo GUTIÉRREZ: ob. cit. na nota 4, 247.

²⁰ ID.: ib., 249.

entre as pessoas, para eliminar as condições que produzem ricos e pobres, explorados e exploradores. O testemunho da pobreza que é vivida como uma autêntica imitação de Jesus, não nos afasta do mundo, mas pelo contrário nos coloca no centro da situação de pilhagem e opressão e dali anuncia libertação e plena comunhão com o Senhor. Pobreza espiritual como total disponibilidade para Deus é não apenas proclamada como também experienciada.

2. REALIDADE SOCIAL E ECONÔMICA DO TEMPO DE SÃO BASÍLIO

O quadro sócio-econômico do Império no Oriente no séc. IV, que surge dos escritos de São Basílio, não é de maneira nenhuma aprazível. Exércitos que conquistavam foram por sua vez conquistados e se tornaram espetáculos de miséria; grandes e vitoriosas cidades foram reduzidas à escravidão. A miséria do povo era muito grande²¹.

Cesaréia tinha alcançado riqueza e importância como o centro comercial e manufatureiro de uma grande província com poucas cidades, e provavelmente chegou a ter 400.000 habitantes em 260 d.C.²². Entretanto, em 371-2 d.C., a Capadócia foi dividida pelo imperador Valente em duas províncias, Prima e Secunda. Cesaréia permaneceu capital de Prima e Tyana foi feita capital da nova província. Todas as cidades, com exceção de Cesaréia, passaram a pertencer à Secunda, enquanto Capadócia Prima concentrou as terras imperiais²³.

São Basílio escreve, quando da divisão da província, que a ordem social estava totalmente prejudicada, que os responsáveis pela administração pública tinham abandonado a cidade; e Cesaréia, que anteriormente tinha sido tanto um ponto de encontro de pessoas importantes como um local de riqueza, agora era uma lamentável demonstração de decadência.

²¹ Richard Travers SMITH: *St. Basil the Great*. New York: Pott, Young & Co. 1879, 64.

²² W. K. Lowther CLARKE: *St. Basil the Great: A Study in Monasticism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, 17.

²³ A. H. M. JONES: *The Cities of the Eastern Roman Provinces*. Oxford: Clarendon Press, 1937, 185. Veja também Raymond VAN DAM: "Emperor, Bishops, and Friends in Late Antique Cappadocia". *The Journal of Theological Studies* 37 (1986) 53-76.

“... nenhum navio submerge em mar muito tempestuoso e foge de vista tão rapidamente como nossa cidade. Ou ainda: nenhuma cidade destruída por terremoto ou inundada pelas águas conhece tamanha desgraça como a que se abateu sobre nossa cidade. Tragada por essa nova medida administrativa, ela está sendo completamente destruída”²⁴.

Mais ainda, outras ações tanto naturais como humanas pioravam as condições sociais da cidade. Pobreza era um fenômeno social endêmico. A situação dos pobres e dos mendigos e as circunstâncias sob as quais os artesãos e trabalhadores comuns viviam, eram extremamente difíceis, não somente por causa da apatia dos ricos e da arrogância dos poderosos, mas também por causa das condições climáticas que prevaleciam na Anatólia. São Basílio fala de frio extremado no inverno e de calor excepcional no verão. Em suas cartas, reclama de tempestades imprevisíveis, torrentes, inundações, tempestades de neve, vendavais, secas²⁵.

Tempo difícil aquele. A terra estava sendo devastada pela escassez resultante das colheitas pobres, e o povo sofria as conseqüências: “A limitação de suplemento alimentício e outros bens elevava os preços drasticamente, e o mercado paralelo florescia”²⁶. Conquanto todas as classes de pessoas eram afetadas pelas catástrofes naturais, “a vida dos pobres tornou-se ainda mais intolerável por ações humanas adicionais”²⁷.

São Basílio descreve a situação dos pobres como uma vergonha para os cristãos ricos. Muitas pessoas pobres caminhavam vestidos com “trapos malcheirosos”. Outros não tinham nem dinheiro nem roupas e suas posses não passavam de uns poucos óbulos. Alguns precisavam vender seus filhos como escravos para conseguirem comprar alimento e dessa forma impedir a morte de outros membros da família²⁸. Outros

²⁴ BASÍLIO MAGNO: *Carta ao Mestre Sofrônio* (Ep. 76). PG 32, 452.

²⁵ ID.: *ib.*, veja as epístolas 30, 48, 112, 156, 198, 242, 321.

²⁶ Ioannes KARAYANNOPOULOS: “St Basil’s Social Activity: Principle and Praxis”. Paul J. FEDWICK (ed.): *Basil of Caesarea: Christian, Humanist, Ascetic*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1981, 375.

²⁷ Demetrios J. CONSTANTELOS: “Basil the Great’s Social Thought and Involvement”. *The Greek Orthodox Theological Review* 26 (1981) 83.

²⁸ Ainda que essa prática possa parecer horrível, na realidade podia ser benéfica, desde que os proprietários estivessem inclinados a proteger seus escravos, já que estes representavam um bem econômico. Os pobres, pelo contrário, não tinham ninguém que tomasse conta deles. Veja Ramón TEJA: “San Basilio y la esclavitud: teoría y praxis”. Paul J. FEDWICK (ed.): *ob. cit.* na nota 26, 393-403. Uma prática similar é comum entre os pobres nas favelas brasileiras. Carolina Maria de Jesus relata em seu diário que sua filha lhe disse certa vez: “Mãe, venda-me para Dona Julinha, pois a comida na casa dela é deliciosa”.

preferiam a morte do que vender qualquer de seus queridos. Um grande número de pobres morreu de fome entre 368 e 375. Essas desgraças deram a São Basílio a oportunidade de demonstrar um admirável comportamento social e espiritual.

3. A ATITUDE DE SÃO BASÍLIO PARA COM OS POBRES

São Basílio era asiático por nascimento e é considerado o pai do monasticismo oriental. Ele tomou conhecimento da vida monástica na Síria, Mesopotâmia e especialmente no Egito, e veio a exercer forte influência em todo o monasticismo cristão.

Logo após sua peregrinação aos centros de vida religiosa onde ele observou de primeira mão os vários tipos de monarquismo, por volta de 360 São Basílio retornou a sua nativa Capadócia com o propósito de se tornar monge. Seu primeiro passo significativo foi distribuir aos pobres a maior parte das posses, que herdara de seu pai²⁹ e, juntamente com um grupo de companheiros que tinham o mesmo objetivo, iniciou uma comunidade religiosa. "Ele não estava, no entanto, destinado a permanecer um monge: em breve foi chamado de seu retiro para se tornar bastante ativo na administração da Igreja e para gastar sua vida como um bispo muito ocupado"³⁰.

Sua vida como bispo foi inteiramente dedicada aos pobres. Além de obedecer a uma orientação bíblica, a grande preocupação de São Basílio para com os pobres está baseada em dois importantes conceitos presentes em seus escritos: *koinonia* e *polis*. Somente através de comunhão (*koinonia*) com Deus e com seus próximos é que os seres humanos podem alcançar perfeição, e quanto mais íntima a comunhão, tanto mais perfeitos se tornarão os seres humanos³¹. Sociedade (*polis*) é o campo

²⁹ Os historiadores que estudaram São Basílio admitem que ele pertencia a uma família de ricos proprietários de terra, cujas posses se espalhavam por três províncias. Veja Thomas A. KOPECEK: "The Social Class of the Cappadocian Fathers". *Church History* 42 (1973) 453-466.

³⁰ Philip F. MULHERN: *Dedicated Poverty*. Staten Island, NY: Alba House, 1972, 58.

³¹ Paul J. FEDWICK: *The Church and the Charisma of Leadership in Basil of Caesarea*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1974, 17. Veja também John D. ZIZIOLAS: "The Early Christian Community". Bernard MCGINN - John MEYENDORFF (ed.): *Christian Spirituality: From the Origins to the Twelfth Century*. New York: Crossroad, 1985, 27. "A forma mais alta de espiritualidade é o amor (1 Co 13, 13), porque o Espírito é comunhão (*koinonia*). Espiritualidade cristã, portanto, não poderia ser experienciada fora da comunidade, que envolve multiplicidade e variedade de dons espirituais".

onde *koinonia* se realiza, porque *polis* é "o ajuntamento de pessoas de diferentes hábitos e costumes, convergindo para o benefício do bem-estar comum"³².

Quando o ser humano através de uma necessidade natural converge em sociedade, o fim último da sociedade vem a ser o fim último de suas unidades, dos indivíduos que compõem a sociedade. O propósito imediato da convergência, como um meio para o gênero humano atingir o seu objetivo, é a completa realização das capacidades dos indivíduos, realização esta que jamais seria alcançada sem tal convergência. Tendo o gênero humano convergido em sociedade, o fim imediato desta como um todo e de seu poder diretivo é a manutenção das condições essenciais para a auto realização dos seus membros individuais.

"Pelo que se a sociedade colocar condições que podem levar o homem longe da completa realização de suas capacidades e, portanto, impedir que ele obtenha, como um meio para seu fim último, a perfeição de sua humanidade é uma ofensa não somente contra a própria natureza da sociedade, mas também contra a justiça"³³.

3.1 A condenação dos ricos

As ofensas contra as leis naturais e espirituais de Deus, ambas de natureza social e moral, cometidas pela licenciosa, avara e voraz classe alta nos tempos de São Basílio são vividamente denunciadas por esse pastor em suas homilias: *In divites*, *In illud Lucae* (12, 18), e *Dicta tempore famis et siccitatis*³⁴.

Uma das principais maldades daqueles dias era a incompreensível avaréza e voracidade dos ricos proprietários de terra. Extremamente desejosos de adquirirem mais terras, perseguiam seus vizinhos, investiam sobre as propriedades dos mais pobres e os forçavam a vender suas terras, ainda que os mais pobres não tivessem a mínima intenção de aliená-las. São Basílio fornece ampla evidência desses fatos quando escreve:

³² BASÍLIO MAGNO: *Enarratio in Prophetam Isaiam*. PG 30, 149. Como existem dúvidas a respeito da autoria deste texto, ele foi classificado como *dubia* por Paul J. FEDWICK: ob. cit. na nota 26, p. xxix.

³³ Gerald F. REILLY: *Imperium and Sacerdotium According to St. Basil the Great*. Washington: The Catholic University of America Press 1945, 95.

³⁴ Infelizmente só encontrei tradução para o português de *In illud Lucae* (trad. de Cristina Penna de Andrade em: *Os padres da Igreja e a questão social*. Petrópolis: Vozes, 1986). É a tradução que uso ao citar este texto, embora faça referência à PG. Há tradução francesa das três homilias mencionadas, em A. LEONETTI: *Dieu ou Mamon*. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1954.

“O rico coloca os bois no arado, ara, semeia e colhe o que não lhe pertence. Se te opões a ele, tem-se um combate. Se reclamas, és acusado de insultá-lo, feito escravo, atirado à prisão e falsas testemunhas estarão prontas a colocar tua vida em perigo”³⁵.

São Basílio acusa os ricos proprietários de terra de se apropriarem desavergonhadamente de boas terras pertencentes a outros e adicioná-las às suas já extensas propriedades, de serem cruéis na opressão dos pobres, apropriando-se injustamente das suas terras e fazendo-os escravos. Isso jamais deveria acontecer, uma vez que na concepção de São Basílio tanto os pobres como os ricos são companheiros de jugo (*homodoulos*)³⁶, e “todos os bens têm, de acordo com São Basílio, utilidade e destinação sociais”³⁷.

Ainda que os ricos já possuíssem vastas propriedades, nunca estavam contentes, pois quanto mais tinham, mais procuravam adquirir. Nada era capaz de barrar a paixão dos ricos pela riqueza:

“O mar respeita as fronteiras que lhe foram estabelecidas, a noite observa seus limites, mas a pessoa avarenta não respeita nem tempo nem medida, não observa nenhuma ordem, mas se parece com o fogo que cerca e devora todas as coisas”³⁸.

Para minimizar a avareza e fomentar a caridade, São Basílio energeticamente ordenou ao rico que imitasse a terra: “a sua semelhança produz frutos, mas não te reveles menos bom do que uma coisa sem vida”³⁹.

Paralelamente ao prejuízo social e econômico causado pelo avaro desejo dos ricos fazendeiros de obterem mais terras, estava o mal causado pelos mesmos no afã de armazenar o produto de suas fazendas, enquanto os necessitados morriam de fome. “Os celeiros estavam muito cheios, mas permaneciam trancados, selados e fechados a cadeado pelo desejo dos fazendeiros de ganharem um preço maior durante o período de escassez”⁴⁰. Fome e pobreza da pior natureza, resultado do armaze-

³⁵ BASÍLIO MAGNO: *Homilia in divites*. PG 31, 293-295.

³⁶ Stanislaus GIET: *Les idées et l'action sociales de Saint Basile*. Paris: Librairie Lecoffre, 1941, 33. Aqui Giet está trabalhando sobre a obra de São Basílio chamada *De Spiritu Sancto* 20, 51. PG 32, 160.

³⁷ ID.: *ib.*, 96.

³⁸ BASÍLIO MAGNO: *Homilia in divites*. PG 31, 293.

³⁹ ID.: *Homilia in illud Lucae*. PG 31, 265.

⁴⁰ Gerald F. REILLY: *ob. cit.* na nota 33, 103.

namento de alimentos por parte dos ricos fazendeiros, forçavam os pobres a levarem seus filhos para o mercado e colocá-los à venda numa tentativa de afastar a morte por inanição. Para evitar isso São Basílio exortou os ricos proprietários de terras a não se mostrarem mais irracionais que os animais.

“Pois aqueles usam o produto da terra em comum. Rebanhos de carneiros se alimentam no mesmo lado da montanha, cavalos na mesma planície, ... mas nós escondemos em nosso seio as posses que deveriam ser comuns a todos”⁴¹.

A classe mais rica, em paralelo à sua avareza, tinha grande amor por ouro e similar falta de caridade. Os ricos de acordo com São Basílio, não sentiam nenhuma dor quando gastavam dinheiro com seus cavalos⁴², mas se lamuriavam quando davam qualquer coisa aos pobres. Os ricos cobriam suas paredes com os mais finos tapetes e adornavam seus cavalos com caros enfeites, mas deixavam seus irmãos pobres cobertos com trapos⁴³.

São Basílio urgiu a classe dominante a fazer circular seu ouro. A concentração de riquezas nas mãos de poucos estava levando os pobres à morte por inanição.

“Vós, porém, se acreditais em mim, escancarai todas as portas dos depósitos, com toda a liberalidade permiti a saída da riqueza. Como um grande rio fecundo, percorrendo a terra por milhares de canais, assim vós, dividindo a fortuna em diversos caminhos para as casas dos pobres”⁴⁴.

São Basílio chamou simplesmente de ladrão e espoliador, a quem poderia ajudar o necessitado mas mantinha suas posses para si mesmo⁴⁵. A sugestão de São Basílio para eliminar a pobreza foi de certa maneira socialista, com a de Ex 16,18: “Se cada um tirasse para si o que lhe é necessário e entregasse ao indigente o que sobra, ninguém seria rico, ninguém pobre”⁴⁶.

⁴¹ BASÍLIO MAGNO: *Homilia dicta tempore famis et siccitatis*. PG 31, 325.

⁴² A Capadócia era famosa por seus cavalos. Veja Gerald F. REILLY: ob. cit. na nota 33, 101. Para dar uma ilustração contemporânea, nos Estados Unidos “as vendas de comida de gatos dobraram desde 1979, para mais de dois bilhões de dólares ao ano, ultrapassando o mercado de comida de nenê, de acordo com SAMI-Bueke Inc., uma companhia de pesquisa de mercado”. *The New York Times*, 23 de abril de 1987, 18.

⁴³ BASÍLIO MAGNO: *Homilia in divites*. PG 31, 288.

⁴⁴ ID.: *Homilia in illud Lucae*. PG 31, 272.

⁴⁵ Martin HENGEL: *Property and Riches in the Early Church*. Philadelphia: Fortress Press, 1974, 2.

⁴⁶ BASÍLIO MAGNO: *Homilia in illud Lucae*. PG 31, 276.

3.2. O alívio do pobre

Contrastando com a atitude da classe dominante, São Basílio fez sua a causa dos pobres, colocando tudo de lado para de alguma forma conseguir ajuda e alívio para os pobres. Durante a grande fome de 368, além de pregar sermões criticando a posição da classe mais rica,

“Ele mesmo organizou a distribuição de refeições gratuitas para todos os pobres, incluindo estrangeiros, cristãos, pagãos e judeus. Foi durante aquela crise social que ele se desfez da porção remanescente de sua herança paterna visando auxiliar os pobres”⁴⁷.

Um pouco depois, logo após sua ordenação episcopal em 370, São Basílio utilizou a herança de seu lado materno para estabelecer um complexo de instituições — hospital geral, orfanato, hospital para doenças infecciosas, asilo, hospedaria para viajantes pobres e visitantes, e casa de abrigo para indigentes, onde São Basílio assumiu residência. O sucesso imediato e o rápido crescimento do complexo, chamado por Gregório Naziano “uma nova cidade”⁴⁸, atestaram sua urgente necessidade.

São Basílio considerava a pobreza como condição escandalosa e lutou contra ela. Ainda que tenha vindo de uma família rica, seu “paupertropismo” o levou a ser pobre, distribuindo suas posses aos pobres. Ele o fez para melhorar a vida espiritual dos oprimidos, cuidando tanto do corpo como da alma. Desta forma, demonstrou pobreza de espírito, desapego aos bens terrenos e apego a Deus. Descobriu que é impossível ser simultaneamente rico, honesto e altruísta⁴⁹.

Mais ainda, o compromisso de São Basílio com os pobres forneceu o contexto concreto necessário para uma discussão teológica sobre a pobreza. Sua solidariedade com os pobres e seu protesto contra o egoísmo dos ricos são comprovados não somente em seus escritos como também em suas ações.

São Basílio, “homem possuidor de santidade pessoal”⁵⁰, figura como um exemplo para os que estão comprometidos com o Reino de Deus, os que querem libertar o povo de Deus da opressão a que muitos estão sujeitos. Ele acreditava que os cristãos negligenciavam seu papel,

47 Demetrios J. CONSTANTELOS: art. cit. na nota 27, 85.

48 Gerald F. REILLY: ob. cit. na nota 33, 125.

49 Encontrar essas três qualidades em uma única pessoa é tão exótico como, na Alemanha de Hitler, ser honesto, inteligente e nazista.

50 Robert L. WILKEN: “Testimonia Patrum (11)”. *Una Sancta* 24 (1967) 77.

se a teologia era buscada de maneira acadêmica, monástica, num isolamento eclesiástico e fora da existência social. A teologia existe para o ministério da Igreja, e o ministério da Igreja existe para a sociedade e o mundo, para personificar a energia crítica e transformadora da existência humana. A vida de São Basílio "inspira admiração e até mesmo imitação"⁵¹.

⁵¹ Demétrios J. CONSTANTELOS: art. cit. na nota 27, 81.

Paulo Siewierski é pastor batista. Professor licenciado do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil (Recife-PE). Atualmente é candidato a doutor em História da Igreja (Ph.D.) no *Southern Baptist Theological Seminary*, em Louisville, KY, Estados Unidos. Escreve sua tese sobre "A liturgia libertadora em São Basílio Magno".

Endereço: Caixa postal 18084 – 04699 São Paulo - SP